<u>A dança das horas</u> Guilherme de Almeida

Enviado por:

Publicado em: 01/01/1970 16:20:00

Frêmito de asas, vibração ligeira de pés alvos e nus, que dançam, tontos, como dança a poeira numa réstia de luz...

São as horas, que descem por um fio de cabelo do sol, e vivem num contínuo corrupio, mais obedientes do que o girassol.

Dançando, as doze bailarinas tecem a vida; e, embora irmãs, não se vêm, não se dão, não se parecem as doze tecelãs!

E, de mãos dadas, confundidas quase, no invisível sabá, elas são silenciosas como a gaze, ou farfalhante como o tafetá.

Frágeis: têm a estrutura inconsistente de teia imaterial, que uma aranha teceu pacientemente nos teares de um rosal.

E, entre tules volantes, noite e dia, o alado torvelim vertiginosamente rodopia, numa elasticidade de Arlequim!

Vêm coroadas de rosas, num remoinho cambiante de ouro em pó: cada rosa, que esconde o seu espinho, dura um minuto só.

Sessenta rosas, vivas como brasas, traz cada uma; e, ao bater da talagarça diáfana das asas, põem-se as coroas a resplandecer...

À proporção que gira à minha frente o bailado fugaz, cada grinalda, vagarosamente, aos poucos, se desfaz.

E quando as doze dançarinas, feitas de plumas, vão recuar, levam as frontes, claras e perfeitas, circundadas de espinhos, a sangrar...

Assim, depois que a estranha sarabanda na sombra se dilui, penso, vendo o outro bando que ciranda em torno do que fui,

que há uma alma em cada gesto e em cada passo das horas que se vão: pois fica a sombra de seu véu no espaço, fica o silêncio de seus pés no chão!...

© Guilherme de Almeida In A dança das horas, 1919